



A volta ao mundo do *Benjamin Constant*: por uma história global do Jiu-Jitsu¹

Around the World of the *Benjamin Constant*:
for a Global History of Jiu-Jitsu

JOÃO JÚLIO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR

Universidade Estadual do Ceará

joao.julio@uece.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-2627-5558>

Abstract: This article aims to bring into discussion a well know episode, the arriving of the firsts Japanese Jiu-Jitsu's instructors among Brazilians mariners in the *Benjamin Constant*, a warship from Brazilian Navy in the early 20th Century. The originality is on behalf of integrate global history approach, a perspective created by the German historian Sebastian Conrad. In order to deliver this purpose, we are going to examine primary sources from diverse spaces, highlighting the synchronicity of the historical phenomena globally observed.

Keywords: Jiu-Jitsu; Migration; Global History; Brazil.

Resumo: A proposta deste artigo é discutir um episódio já conhecido, a chegada dos primeiros instrutores japoneses de Jiu-Jitsu junto dos marinheiros brasileiros no navio *Benjamin Constant*, da Marinha do Brasil, no início do século xx. A novidade está na abordagem feita a partir das lentes da História Global Integrada, perspectiva elaborada pelo historiador alemão Sebastian Conrad. Para cumprir com este objetivo, lançaremos mão de fontes primárias em diversos espaços, ressaltando a sincronicidade dos fenômenos observados globalmente.

Palavras-chave: Jiu-Jitsu; Migrações; História Global; Brasil.

¹ Essa pesquisa contou com o apoio e financiamento das seguintes instituições: Library of University of Illinois, Urbana-Champaign; Münchner Zentrum für Globalgeschichte, Ludwig-Maximilian Universität; Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUCAP).

INTRODUÇÃO

A chegada dos instrutores de Jiu-Jitsu Sada Miyako e M. Kakihara ao Brasil é um episódio já conhecido na historiografia do início do período republicano. Ambos instrutores vieram a bordo do navio da Marinha brasileira, *Benjamin Constant*, e são tradicionalmente apontados pela historiografia do Jiu-Jitsu como os “pioneiros” da introdução do Jiu-Jitsu no país (Silva and Corrêa 2020, 102; Gracie 2008, 70; Drysdale 2020, 17). Pretendemos, neste artigo, problematizar esse episódio a partir da História Global Integrada proposta pelo historiador alemão Sebastian Conrad.

Para alcançar esse objetivo a nossa preocupação não recairá sobre o pioneirismo desses indivíduos. Por mais que fosse possível interpretar esse episódio a partir da sua diacronia, destacando os aspectos que o tornam um evento singular e cheio de significado histórico, preferimos, ao contrário, seguir a proposta de Conrad e salientar a sua sincronia, discutindo o “momento global” do início do século xx, período marcado por ascensões dos nacionalismos, discursos racialistas e intenso trânsito de pessoas, coisas e ideias que possibilitaram e condicionaram a presença desses instrutores na América. Não se trata, portanto, de abandonar o acontecimento, mas antes relacioná-lo com outros eventos simultâneos em outras especialidades proporcionando sua integração em um conjunto de fenômenos históricos globais, o que possibilita um outro olhar para este objeto, que costuma ser retratado sob as lentes do nacionalismo metodológico (Conrad 2019, 187).

Para dar conta do nosso objetivo, vamos lançar mão do episódio em si – a chegada dos instrutores japoneses ao Brasil – e contextualizá-lo com comparações de episódios semelhantes em diversos espaços globais, ressaltando a sincronicidade dos fenômenos históricos analisados. Esperamos, dessa forma, demonstrar que a presença dos instrutores japoneses no Brasil não está deslocada do seu tempo, sendo algo recorrente e até mesmo comum no período. No entanto, essa mobilidade é permeada por constrangimentos culturais, sociais e econômicos daquele contexto.

O artigo está dividido em três partes. A primeira busca discutir o contexto de aproximação do Brasil com o Japão, destacando as mudanças estruturais ocorridas neste país que possibilitaram tanto o fluxo migratório em si quanto uma diplomacia cultural a partir do Jiu-Jitsu. A segunda parte começa na própria viagem do *Benjamin Constant*, para tecer as conexões que possibilitaram, dentro daquele contexto, a vinda dos instrutores ao Brasil. A suposta excentricidade da adoção do Jiu-Jitsu pela Marinha brasileira levou a diversos movimentos de contestação que nos ajudam a compreender os discursos racialistas/eugênicos; elementos de construção da identidade nacional; contestação dos padrões de masculinidade e virilidade vigentes; enfim, questões recorrentes também em vários espaços globais e que podem ser acompanhados de forma sincrônica. As considerações finais buscam recuperar os principais pontos discutidos ao longo do artigo.

A aproximação diplomática do Brasil com o Japão aconteceu dentro de um contexto específico. A Restauração Meiji, de 1868, marcou a restituição do poder ao imperador e o início do processo de abertura forçada do Japão ao Ocidente após um longo período de isolamento durante a Era Tokugawa (1603-1868). As reformas que buscavam modernizar o Japão se davam, sobretudo, nas esferas econômicas e sociais (Sakurai 2014, 133).

Do ponto de vista econômico, uma série de mudanças no campo marcaram esse período, tais como: alterações nas regras de recolhimento de impostos, a instituição do direito de venda da terra, aumento da concentração agrária, alto número de arrendatários e várias revoltas camponesas. Além disso, a importação de arroz da Coreia e de Taiwan fez com que o preço deste produto caísse drasticamente no mercado interno, provocando penúria entre os camponeses que passaram a enxergar na emigração uma possível solução para os seus problemas (Sakurai 2014, 154).

A imigração foi incentivada pelo Estado, que buscava aliviar as pressões sobre a terra e criar colônias no exterior. A ideia era que essas colônias fossem capazes de exportar alimentos de volta para o Japão. A princípio, os contingentes migratórios foram destinados para a Ásia e os Estados Unidos, sendo mais tarde ampliados para outras regiões, incluindo o Brasil a partir de 1908 (Lesser 2015, 206)

A vinda de trabalhadores japoneses para América não era, no entanto, uma unanimidade na região. Isso porque ao longo do século XIX cerca de 500 mil trabalhadores chineses foram “contratados” para substituição do trabalho escravo africano em diversos países da América. A China no início do século XIX enfrentou um processo de decadência econômica logo depois da Guerra do Ópio (1839-1842), contra a Inglaterra, e dos conflitos com a Rússia, ao norte, o que levou a grandes fluxos de migrações para outros espaços. Trabalhadores chineses passaram a emigrar para territórios asiáticos, como a Malásia, mas também passaram a ser recrutados dentro da lógica do “tráfico amarelo” para diversos países da América, como Cuba, Panamá, Peru, Estados Unidos e até mesmo Brasil. A experiência dos trabalhadores *coolies* e suas dificuldades de assimilação cultural geraram grandes discussões públicas nesses países sobre restrições, exclusões e até mesmo proibições que deveriam ser impostas a imigração chinesa (Dezem2005, 163-164).

Quando os países americanos começaram as negociações diplomáticas com o Japão, no final do século XIX, para viabilizar as migrações dessas populações rurais empobrecidas depois da Restauração Meiji, o estereótipo de “amarelo”, vinculado à experiência chinesa, foi estendida aos nipônicos. O Japão mantinha uma política nacionalista de ser reconhecido como país não asiático, sobretudo em aspectos raciais; porém, isso não impediu que generalizações fossem cometidas por “virem do mesmo lugar”, “terem a mesma cor”, “falarem uma língua parecida” e “virem trabalhar nas mesmas condições”, o que acabou gerando diversas restrições, limitações e até proibições da entrada de japoneses em países da região (Dezem 2005, 180-197).

As restrições impostas pelos Estados Unidos aos imigrantes orientais começaram em 1882, com *Chinese Exclusion Act*, que proibia a entrada de camponeses chineses aos Es-

tados Unidos. O Japão, em particular depois da guerra contra a Rússia czarista (1904-1905), viu a sua economia entrar em depressão, o que reforçou as levas migratórias que buscavam no exterior oportunidades de trabalho. Os Estados Unidos, seguindo a sua política restritiva aos orientais, sobretudo em função das pressões dos sindicatos dos trabalhadores locais, assinou em 1907 o *Gentleman's Agreement*, um acordo que pôs fim à entrada de novos imigrantes japoneses em seu território em troca do compromisso de tratar bem os que lá já estavam. Essa decisão norte-americana abriu espaço para que o Brasil fosse aprovado pelo governo japonês para receber a primeira leva migratória no ano seguinte, em 1908 (Nishida 2018, 21; Dezem 2005, 179).

Do ponto de vista social, o processo de ocidentalização do Japão, pós-Restauração Meiji, trouxe a necessidade de modernização das técnicas tradicionais de combate e a necessidade de formação de um exército profissional com armas de fogo. Para tanto, foi indispensável que se retirasse dos samurais o seu antigo monopólio sobre a violência, deixando esse grupo marginalizado e malvisto socialmente. Suas antigas práticas de combate, entre elas o Jiu-Jitsu (há centenas de diferentes estilos) foram associados à ordem anterior, sendo consideradas não-civilizadas (Henshall 2005, 114; Chesneaux 1976, 44).

Este processo de modernização, associado ao progressivo militarismo, contribuiu para a construção de um nacionalismo oficial e imperialista. Em função do longo período isolacionista da Era Tokugawa, havia pouca consciência no Japão da sociedade internacional, o que levava os japoneses a enxergar na política externa apenas a conquista ou a derrota. Com os êxitos militares sobre a China (1894-1895), a anexação de Taiwan (1895) e a vitória sobre os russos (1904-1905), os japoneses tinham impressão de que a oligarquia conservadora Meiji era uma autêntica representante da nação, e os japoneses passaram a se imaginar membros dessa nação (Anderson 2008, 144-145).

Foi nesse contexto que um jovem, recém egresso do Curso de Literatura da Universidade Imperial de Tokyo, reagiu à rápida substituição das tradicionais artes marciais no Japão por exercícios militares europeus (Mandell 1984, 101). Jigoro Kano² havia começado nas artes marciais como pupilo de Fukada Hachunosuke, um praticante da escola Tenjin Shin'yo de *jujutsu*. Contudo, após dois anos de treinos, o seu mestre faleceu. A família pediu que Jigoro Kano herdasse o *dojo* do seu mestre; ele continuou a estudar *jujutsu* com Iso Masatomo, que havia sido professor de Fukada; depois Kano foi pupilo de Iokubo Tsunetoshi, um ex-instrutor militar do shogunato Tokugawa e mestre da escola Kito de *jujutsu*. Em 1882, Jigoro Kano fundou a academia Kodokan operando uma importante inflexão em termos de concepção de escola de artes marciais no Japão. Kano realizou modificações no *jujutsu* e inventou tradições; introduziu novas regras à luta; tornou-a menos violenta; investiu no desenvolvimento da cultura física do corpo associada à identidade japonesa; introduziu uma filosofia à luta e criou

² Em japonês o correto é escrever o sobrenome antes do nome. Porém, adotamos a forma mais usual em português: nome e sobrenome.

um novo estilo de arte marcial mais condizente com as expectativas da modernidade: o judô (Shun 1998, 164-169)³.

Rapidamente a academia Kodokan foi ganhando novos alunos e tornou-se referência no âmbito das artes marciais, experimentando um aumento exponencial de alunos matriculados. O segredo do sucesso estava no êxito dos seus alunos acima dos praticantes de outras escolas de *Jiu-Jitsu*, em competições públicas patrocinadas pela polícia metropolitana de Tóquio. Essas competições davam prestígio à Kodokan e muitos alunos de Kano tornaram-se instrutores em diferentes instituições, tais como na própria polícia local, em importantes universidades (Gakushuin University; Tokyo Imperial University, Keio University), escolas de ensino médio e até mesmo na Academia Naval, possibilitando que o *judô* da Kodokan fosse ensinado dentro das Forças Armadas do Japão (Shun 1998, 166-167).

O sucesso japonês nas guerras despertou ao redor do mundo um interesse renovado sobre o segredo da boa forma física dos japoneses e, em especial, a rapidez com que se deslocavam nos campos de batalhas. O condicionamento físico derivado da prática do Jiu-Jitsu, atividade adotada pelas tropas, passou a ser propagandeada como o segredo do êxito japonês. Essa curiosidade mundial estava assentada em um movimento global de preocupação com a cultura física presente simultaneamente em vários espaços na virada do século XIX para o XX, sendo o exemplo japonês uma resposta local a esse movimento global de ascensões dos nacionalismos assentados em determinados padrões de beleza e do bom condicionamento físico dos seus cidadãos (Conrad 2021, 117).

A curiosidade era tamanha que o próprio presidente norte-americano Theodore Roosevelt treinou Jiu-Jitsu na Casa Branca; primeiro em 1902 com John J. O'Brien, que havia treinado durante dez anos junto da polícia de Nagasaki; logo depois com Yamashita Yoshitsugu, um dos “quatro reis” da Kodokan que, depois de dar aulas para o presidente por alguns meses, seria apontado como instrutor de Jiu-Jitsu na Escola Naval norte-americana de Anápolis (Rouse 2015, 458).

Portanto, quando a primeira leva de 781 imigrantes japoneses desembarcou do *Kasato-Maru* no porto de Santos, no litoral do Estado de São Paulo, em junho 1908, o Jiu-Jitsu moderno já estava difundido mundialmente como uma prática esportiva e de cultura do corpo. Como parte dessa aproximação diplomática foi programada a passagem do *Benjamin Constant*, navio de guerra da Marinha brasileira, pelo Japão durante a sua viagem de circum-navegação no mesmo ano de 1908. Essa viagem representa

³ Optamos por deixar a grafia do jujutsu nesse parágrafo como aparece no texto de Inoue Shun. Nas antigas crônicas japonesas aparecem a palavra *Bugei* para se referir tanto ao combate quanto ao treino das artes marciais. Durante a longa era Tokugawa a ênfase das artes marciais recaiu sobre o ensino das técnicas (*jutsu*), o que fez com os vários tipos de artes marciais recebessem o sufixo *jutsu*, como *ken-jutsu* e *jujutsu*. A referência ao coletivo dessas artes marciais levava o nome de *bujutsu*. A modernidade trouxe a ênfase no caminho (dô). Portanto, o *bujutsu* dos samurais sofreu uma modificação para o *budô*, que passou a se referir ao conjunto das modernas artes marciais que possuem desenvolvimento próprio, tais como o judô, aikidô e karate-dô (caratê). Além disso, há muitas grafias possíveis para jiu-jitsu (jujutsu, jiujutsu, judô, etc.) que são usadas como sinônimos na virada do século XIX para o XX (Assunção 2014, 3; Shun 1998, 163).

uma importante etapa de aproximação entre os dois países, iniciado pela assinatura do Tratado de Amizade de Paris, em 1895, seguido pela abertura das Legações Diplomáticas em 1897 e culminando com a chegada dos imigrantes.

A VIAGEM DE CIRCUM-NAVEGAÇÃO DO *BENJAMIN CONSTANT*

O *Benjamin Constant* foi um cruzador, navio-escola, comprado à França e incorporado à Marinha brasileira em 10 de maio de 1894, ficando em serviço até 2 de março de 1926⁴. Em 1908, o ano que marcaria a chegada da primeira leva de imigrantes japoneses ao Brasil, foi programada uma viagem de circum-navegação com saída do Rio de Janeiro, passando por: Montevidéu, Punta Arenas, Talcahuano, Valparaíso, Callao, Honolulu, Yokoama, Nagasaki, Sasebo, Shanghai, Singapura, Colombo, Aden, Suez, Ismailia, Alexandria, Nápoles, Spezia, Toulon, Gibraltar e Recife.

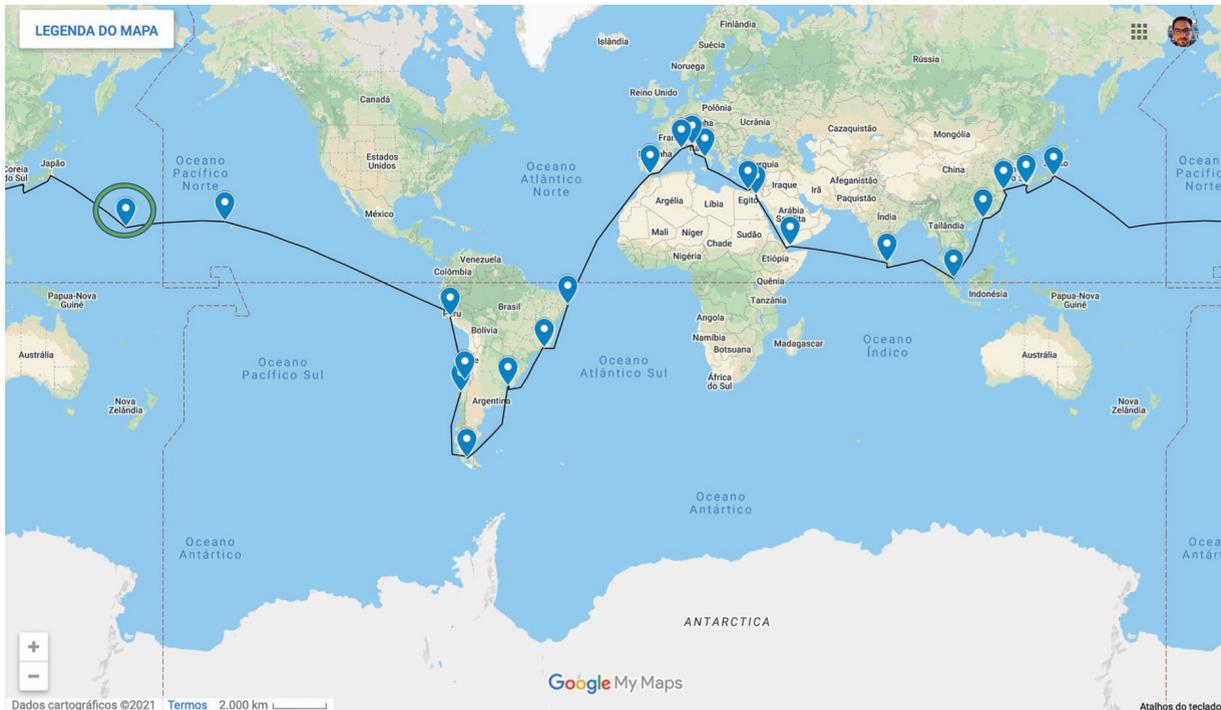


Imagem 1: Mapa da trajetória de circum-navegação do *Benjamin Constant*. Em destaque a ilha Wake, no meio do Oceano Pacífico. Fonte: acervo do autor utilizando o aplicativo Google Maps.

⁴ Para mais informações sobre o navio Benjamin Constant, acessar: https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/BenjaminConstantCruzadorNavioEscola1894-1926_0.pdf [acessado em 27 de novembro de 2021].

A viagem teve início a 22 de janeiro de 1908 e foi acompanhada com bastante interesse pela imprensa da época, especialmente quando se soube que durante o trajeto, entre Honolulu e Yokohama, o *Benjamin Constant* localizou um grupo de 19 japoneses naufragados na ilha Wake, no meio do Oceano Pacífico, resgatando-os com vida (Imagem 2). Ao alcançar o Japão, os marinheiros brasileiros foram congratulados e rodeados de todas as honrarias pelo governo local em função de tamanho heroísmo.



Imagem 2: Naufragos japoneses resgatados na ilha Wake posam com a boia do *Benjamin Constant*. Autor desconhecido. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Brasil). *Revista Careta (RJ)*, 17.10.1908, 20.

As honrarias proporcionaram um intercâmbio cultural intenso, com direito aos oficiais brasileiros posarem para fotos em diversas oportunidades, entre elas ao lado os almirantes japoneses que haviam se consagrado no combate de Tsushima, batalha que selou a vitória japonesa sobre os russos em 1905 (Imagem 3); e também vestindo os tradicionais *kimonos* (Imagem 4), o que causou espanto e galhofa na imprensa brasileira, que apresentou os oficiais brasileiros como se eles tivessem sido assimilados pela “influência do meio”, em uma clara alusão sarcástica e invertida à ideia de senso comum de que os orientais teriam dificuldades de assimilação, portanto não seriam bons imigrantes (Takeuchi 2016, 113).

Como parte dessas trocas culturais, os oficiais também tiveram a oportunidade de acompanhar de perto exposições de Jiu-Jitsu, uma arte marcial conhecida no seio da Marinha brasileira pelo menos desde 1905, quando o livro de H. Irving Hancock

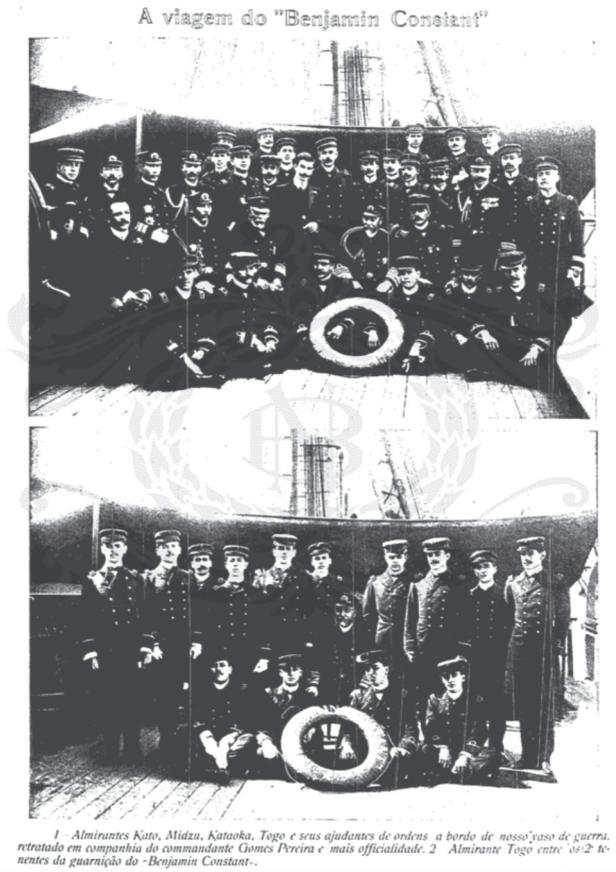


Imagem 3: Oficiais brasileiros do *Benjamin Constant* ao lado dos almirantes japoneses Kato, Midzu, Kataoka, Togo e seus ajudantes de ordens. Autor desconhecido. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Brasil). *Revista Careta* (RJ), 01.08.1908, 26.

Japanese physical training, publicado em inglês no ano anterior (1904a), foi traduzido para português pelo capitão Santos Porto e pelo tenente Radler de Aquino⁵. O livro saudava em seu prefácio a arte marcial que tornou o japonês “não só o povo mais forte, como o mais calmo, mais sadio e feliz de todo o mundo”. Salientava também que era uma pena que a capoeira, como exercício de agilidade, tivesse sido mal-empregada pelas maltas de “profissionais da desordem, armados de facas e navalhas – uma verdadeira calamidade pública” (Hancock 1905, VI-VII).

A fala de condenação da capoeira no prefácio deste livro merece mais algumas linhas. A sua identificação como problema social advém de suas próprias raízes afri-

⁵ Naquele mesmo ano, Hancock publicaria ainda outros três livros que não foram traduzidos para português: *Jiu-jitsu combat tricks* (1904b); *Physical training for children by Japanese methods* (1904d); *Physical training for women by Japanese methods* (1904c).

A Viagem do *Benjamin Constant*... ou a influencia do meio



Os 2.ºs tenentes Oscar Gomes Nora e Muniz Freire, fingindo de filhos do Sol Nascente e do Celeste Império.

Imagem 4: Oficiais brasileiros do *Benjamin Constant* vestidos de *kimono*. Autor desconhecido. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Brasil). *Fon-Fon (RJ)*, 10.10.1908, 11.

canas, salientando todo o racismo do período que identificava que o problema não estava no esporte em si, mas nos seus praticantes – os capoeiras. A repressão à capoeira realizada no início do regime republicano ressaltava duas visões distintas: aqueles que enxergavam como um instrumento de luta/arte marcial e resistência negra em um contexto escravista; e aqueles que queriam a sua higienização, tornando-a um esporte/jogo capaz de representar a nacionalidade em formação (Reis 1993, 224).

RESISTÊNCIAS GLOBAIS À INTRODUÇÃO DO JIU-JITSU

Qual não foi a surpresa da imprensa nacional quando começaram a chegar notícias de que a Marinha estaria cogitando a contratação de um instrutor de Jiu-Jitsu para treinar os marinheiros brasileiros? A imprensa local passou a noticiar este fato, em abril de 1908 (antes, portanto, da chegada do *Kasato-Maru*, em junho, e ainda durante a viagem de circum-navegação do *Benjamin Constant*), com muito humor, ironia e sarcasmo.

Este foi o caso, por exemplo, da revista *Fon Fon* que publicou uma notícia fantasiosa para salientar a excentricidade daquela possível contratação. A “notícia”, supostamente chegada de Tóquio, invertia a notícia real dizendo que os marinheiros brasileiros haviam descido para terra “para aprender o jiu jitsu com o professor Ching-Chang-Fung (o invencível)”. Contudo, “No meio da lição, entusiasmados com a luta, os marinheiros fizeram alguns exercícios de capoeiragem. Foi um sarceiro. O Ching Chang Fung e os seus auxiliares nunca mais tomam pé”. O professor Ching-Chang-Fung teria tomado uma cabeçada no estômago ficando sem sentidos. O Ministro da Marinha japonesa, “sabendo do ocorrido, ficou maravilhado com a arte da rasteira e da cabeçada, considerando o jiu jitsu muito inferior”; ele teria telegrafado para o Ministro da Marinha brasileira, o almirante Alexandrino de Alencar, pedindo autorização para “abrir um curso de capoeiragem, afim de a tornar conhecida entre os nippons” (*Fon Fon*, 11.04.1908, 10).

Na mesma toada foi a publicação de outro semanário humorístico do período, a revista *O Malho* (Imagem 5). O personagem da direita, representando o almirante Alexandrino de Alencar, diz: “Quero os meus marinheiros versados em japonezices. Além disso, acho o Jiú Jitsú *smart* e *up to date*, como exercício de agilidade...”. O personagem Zé Povo, do seu lado, ressalta que o exercício nacional, a capoeira, estaria acima de qualquer estrangeirice. Para Zé Povo: “há nada que chegue a uma rasteira bem passada, mesmo sem chulipa e sardinha ou grampos no alto da synagoga? Veja como o japonéz degradingola e bate com o costado no tapete!” Na esquerda se vê um marinheiro brasileiro, identificado como “capoeira”, dando uma rasteira e derrubando



Imagem 5: Demonstração prática. Autor não identificado. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Brasil). *O Malho* (RJ), 11.04.1908, 19.

um japonês identificado como “jiu-jitsu”. Em outra seção da mesma publicação, ainda se destaca uma parte que faz uma outra analogia interessante, desta vez com a música brasileira: “Com menosprezo da muito nossa arte de capoeiragem, foi adoptado na marinha o jogo japonéz Jiu-Jitsú. Nesse andar, veremos o maxixe substituído pela caninha verde”.⁶

Contudo, a contratação do instrutor de Jiu-Jitsu pela marinha brasileira não está deslocada do seu tempo. Pelo contrário, essa proposta está inserida dentro de um contexto de preocupação com o condicionamento físico das Forças Armadas, algo comum a vários países no início do século xx e particularmente desenvolvida, no caso brasileiro, depois do início do regime republicano. A reestruturação das Forças Armadas estava sendo conduzida de acordo com os modelos externos, introduzindo práticas, organizações e treinamentos militares inspirados nos modelos europeus, americanos e asiáticos. Nesse sentido, a aproximação com a Alemanha foi realizada com o envio de um grupo de oficiais do exército que estagiaram junto ao exército alemão entre 1906 e 1912, ficando conhecido como os “jovens turcos”. A aproximação com a França se deu, inicialmente, com a missão coordenada pela coronel Paul Balagny, que atuou junto à polícia de São Paulo, em 1906, e abriu as portas para o intercâmbio militar da Missão Francesa (Cancelli 2014, 105-106).

Portanto, a contratação de um instrutor japonês para ensinar Jiu-Jitsu para marinha brasileira não era algo tão inusitado assim, sendo inclusive uma prática disseminada ao redor do mundo. O próprio Estados Unidos havia contratado, ainda em 1904, o instrutor Yamashita Yoshitsugu –que havia dado aulas particulares para o próprio presidente Theodore Roosevelt, como vimos– para treinar os *marines* norte-americanos na Escola Naval de Anápolis (Svinth 2003, 53). De acordo com um jornal publicado no Zimbábue, em 1905, o instrutor S. K. Uyenishi “Raku”, autor do livro intitulado *The Textbook of Ju-Jutsu as Practised in Japan* (1905), foi contratado para treinar as tropas inglesas na cidade de Aldershot, à 60km de Londres (*The Rhodesia Herald*, 27.04.1905, 3). Os franceses não ficaram para trás e “Ré-Nié”, autor do livro *Les Secrets du Jiu-Jitsu* (1905), foi contratado pelo Chefe de Polícia de Paris, M. Lépine, para ensinar os segredos da arte marcial japonesa para polícia francesa. O interessante nesse caso é que “Ré-Nié” era, na verdade, um francês chamado Régnier (Imagem 6).

No entanto, da mesma forma que houve críticas pela contratação de um instrutor japonês para o ensino do Jiu-Jitsu no Brasil, o mesmo aconteceu em outros espaços. A situação era considerada inusitada e despertava críticas sarcásticas a partir do humor. A resistência se manifestou, no caso francês, em uma charge que destacava que agora o senhor Lépine escolhia os seus agentes ao acaso. “Não há mais um tamanho mínimo, não se exige mais o uso da força [...]. Qualquer fracote imbuído dos preceitos do jiu-jitsu reduzirá a pó um, dois, três... cinco bandidos” (Imagem 7).

⁶ Cana-Verde: “Dança de pares de origem portuguesa, popular em vários estados brasileiros onde adquiriu formas locais, produzindo variantes da original”. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001646.htm> [acessado em 27 de novembro de 2021].



EL JIU-JITSU EN PARÍS. — El profesor Re-Nié dando lecciones de jiu-jitsu á varios agentes de policía. Un *ndi-shi-gi* (en el suelo) aplicado por un agente á Re-Nié. (De fotografía de M. Roi y C.^o)

Imagem 6: “Ré-Nié” ensinando Jiu-Jitsu para agentes da polícia francesa. Autor desconhecido. Fonte: Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional de España. *Ilustración artística.* (Madrid), 20.11.1905, 758.



A l'affût de tout progrès, M. Lépine prend maintenant ses agents au hasard. Plus de taille minima, plus de force exigée de nos futurs sergots. Un gringalet imbu des préceptes jiu-jitsueurs réduira à néant un, deux, trois... cinq apaches!

Imagem 7: Charge de Jules Maurice Radiguet (1866-1941). Fonte: ProQuest Historical Newspapers: *Le Rire* (Paris. 1894-1971), 11.11.1905, 5.

A adoção do Jiu-Jitsu pela força policial no Arizona, Estados Unidos, também foi motivo de sarcasmo humorístico em uma charge que mostra um policial tentando aplicar os movimentos de Jiu-Jitsu explicados em um livro. No entanto, ele se complica com a escada que o criminoso utilizava para realizar o roubo e acaba deixando o criminoso escapar (Imagem 8).

Essas maneiras de resistir através do humor precisam ser explicadas. De acordo com Robert Darnton (1988, 106-107), quando não entendemos uma piada é exatamente aí que devemos focar nossas atenções, para compreender a mentalidade de uma determinada época. As mensagens são transmitidas através do deboche, do chiste, como uma forma transmitir uma mensagem séria de maneira mais palatável (Davies 2001, 95). Nos casos expostos acima, as mensagens desvelam todo o preconceito contra uma arte marcial que era propagandeada como mais eficiente do que as técnicas ocidentais, que possibilitava o mais fraco vencer o mais forte. Essa superioridade oriental feria as

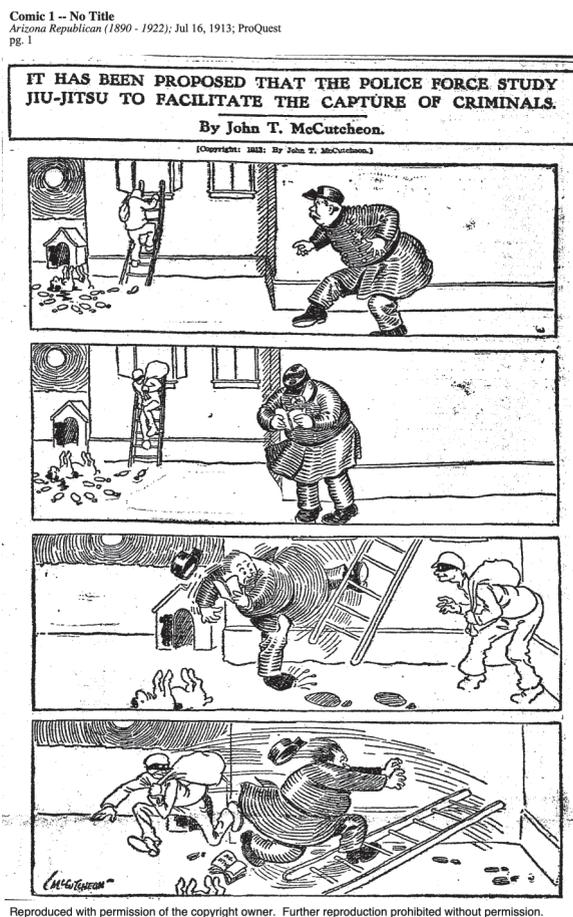


Imagem 8: Força policial estudando Jiu-Jitsu. Autor não identificado. Fonte: ProQuest Historical Newspapers: *Arizona Republican* (1890 - 1922); Phoenix, Ariz, 16.07.1913, 1.

noções de masculinidades e virilidade propagados pelos padrões vitorianos do período, que associavam força física ao caráter moral. Além disso, colocava em discussão as próprias hierarquias raciais e o predomínio do homem branco sobre as demais raças, o que elevava o “perigo amarelo” para além das questões militares, mas também sob o ponto de vista da presença japonesa através a imigração (Rouse 2015, 450 e 457).

O RETORNO DO *BENJAMIN CONSTANT*

Quando o *Benjamin Constant* retornou de sua viagem de circum-navegação, em dezembro de 1908, em junho daquele mesmo ano já havia chegado o *Kasato-Maru*, navio que trouxe a primeira leva de imigrantes japoneses ao Brasil. É bem possível que entre os 781 imigrantes houvesse alguém que tivesse conhecimento de artes marciais, embora não tenhamos encontrado nenhum registro nesse sentido. De qualquer forma, a chegada do navio-escola trouxe também outros três japoneses a bordo, sendo dois deles os instrutores que foram contratados para ensinar o Jiu-Jitsu para os marinheiros brasileiros, Sada Miyako e M. Kakihara; o terceiro era um dos sobreviventes do naufrágio na ilha Wake, que havia sido admitido dentro do *Benjamin Constant* como criado. A imprensa carioca publicou imagens dos treinos de Jiu-Jitsu realizados dentro do navio da marinha brasileira (Imagem 9).



Uma lição de jiu-jitsu - O Koshinaga



Uma lição de jiu-jitsu - O Kesagatami

Imagem 9: Sada Miyako e M. Kakihara treinando Jiu-Jitsu a bordo do *Benjamin Constant*. Autor desconhecido. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Brasil). *Revista Careta (RJ)*, 19.12.1908, 21.

A prática de treinar Jiu-Jitsu dentro dos navios de guerra era algo comum para os japoneses no período. Quando os japoneses foram assinar o Tratado de Portsmouth, que pôs fim à guerra contra o Império da Rússia, em 1905, os marinheiros ingleses acompanharam entusiasmados as demonstrações de Jiu-Jitsu que aconteciam a bordo dos navios japoneses estacionados na Inglaterra. As imagens circularam e foram publicadas na Espanha, em uma matéria que destacava “o triunfo da destreza sobre a força muscular” (Imagem 10).



LANCE DE LA LUCHA DE JIU-JITSU EFECTUADA POR DOS EXPERTOS JAPONESES Á BORDO DEL KATORI EN PRESENCIA DE LOS TRIPULANTES Y MARINOS DE LA ARMADA BRITÁNICA

Imagem 10: Marinheiros japoneses fazendo demonstrações de Jiu-Jitsu para marinheiros ingleses. Autor desconhecido. Fonte: Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional de España. *Hojas selectas*, janeiro-1906, nº 49, 867.

Porém, a novidade da presença dos instrutores de Jiu-Jitsu no Brasil levou até mesmo o almirante Cordovil Maurity, Chefe do Estado-Maior da Armada, a assistir uma demonstração a bordo do *Benjamin Constant*, ficando “satisfeito e bem impressionado” com aquilo que testemunhou (*Gazeta de Notícias*, 18.12.1908, 1). Mesmo que exista indícios da presença de japoneses realizando lutas públicas no Brasil antes da chegada de Sada Miyako e M. Kakiyama (Silva e Corrêa 2020, 102), a presença dos novos instrutores chamou a atenção dos cariocas, que corriam ao teatro Pavilhão Internacional Paschoal Segreto para acompanhar de perto as exibições e desafios pagos, que passaram a ser realizados na Capital Federal.

Sada Miyako oferecia o valor de 5 mil libras em ouro para qualquer pessoa que fosse capaz de lutar contra ele e resistir 3 minutos sem cair no chão. Esses espetáculos chamavam a atenção da população em geral e dos valentões locais, que enxergavam no desafio contra um pequeno japonês a oportunidade de ganhar dinheiro fácil. Há alguns registros dessas lutas que são interessantes.

Em 19 de abril de 1909, Sada Miyako lutou e venceu Arnaldo José Pereira, um jovem português de 18 anos de idade que possuía “1 metro de peitoral”; também tinha em seu currículo uma vitória sobre o célebre japonês S. K. Uyenishi “Raku” –já citado anteriormente– em um confronto realizado no Colyseu dos Recreios, em Lisboa (*Diário de Notícias*, 19.04.1909, 6.). No dia seguinte, 20 de abril de 1909, foi a vez do lutador amador francês encarar e perder a luta para Sada Miyako (*O Paiz*, 20.04.1909, 10). Alguns dias depois, o lutador sírio, Rich Jorge, subiu no palco do Pavilhão Internacional, com ingressos a 1\$000 (mil réis), para lutar contra o japonês (*A Imprensa* (RJ), 26.04.1909, 8).

A diversidade étnica dos adversários de Sada Miyako salta aos nossos olhos. Afinal, um japonês lutando contra portugueses, franceses e sírios no Brasil reforça a necessidade de considerarmos as condições sociais, econômicas e culturais que possibilitaram a mobilidade dessas pessoas globalmente. Ou seja, em uma época marcada pelas migrações, encurtamento de distâncias com navios a vapor e novas tecnologias de comunicação, como o telégrafo, fica evidente que a circulação de pessoas de diferentes procedências era um fenômeno global no período. Além disso, a vitória japonesa sobre a Rússia, em 1905, configurou um “momento global” que favoreceu o aparecimento de fenômenos sincrônicos (Conrad 2019, 187). Não é de se estranhar, portanto, que em seu estudo sobre Eugen Sandow, um fisiculturista que se tornou mundialmente conhecido no início do século xx, Sebastian Conrad tenha destacado os desafios públicos feitos à Sandow quando, em contato com outras culturas com padrões de masculinidade e virilidade assentados em identidades nacionais, os representantes locais se sentissem ameaçados pela presença de um estrangeiro que alegava ser mais forte que eles (Conrad 2021, 119).

Esse parece ter sido o caso ocorrido no início de maio de 1909. No início daquele mês, um brasileiro negro, nascido em Campos de Goytacazes, em 1871 (no mesmo ano da promulgação da Lei do Ventre Livre – podendo ter sido escravo, ou não), chamado Cyriaco Francisco da Silva, decidiu subir no palco do Pavilhão Internacional para desafiar Sada Miyako. Aos 38 anos de idade, Cyriaco era um capoeirista conhecido como “Macaco Velho” e impôs a primeira derrota ao japonês depois de aplicar-lhe um conhecido movimento de capoeira chamado “rabo de arraia” (*O Malho* (RJ), 15.05.1909, 20-21). A vitória do Cyriaco foi celebrada na imprensa local como a vitória do “esporte nacional”, a capoeira, sobre o esporte estrangeiro, o Jiu-Jitsu. A revista *O Malho* publicou este maravilhoso cartum dividido em dois planos (Imagem 11).

No primeiro, “no teatro”, Cyriaco é representado acertando o “rabo de arraia” e nocauteando o japonês, que desiste de prosseguir a luta. No segundo plano, “no Cattete”, o personagem Zé Povo aparece para derrotar os presidentes “japoneses”, se referindo a Campos Sales e Afonso Pena, que apoiaram a introdução dessa arte marcial no Brasil. No entanto, como bem salientou José Cairus (2012, 41-43), o que chama a atenção

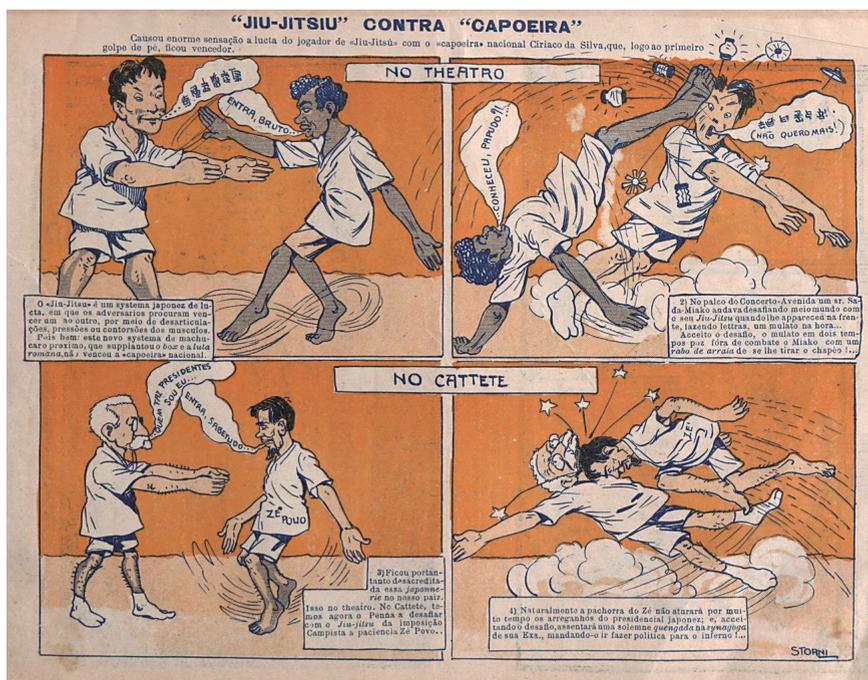


Imagem 11: “Jiu-Jitsu” contra “Capoeira”. Autor: Storni. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional (Brasil). *O Malho (RJ)*, 08.05.1909.

é o processo de branqueamento da capoeira, que é representada no personagem Zé Povo como um homem branco. Ou seja, para capoeira virar um esporte “nacional” ela precisaria ser branqueada.

Após a vitória, Cyriaco foi carregado nos ombros e virou personalidade no Rio de Janeiro, posando para fotos e dando algumas entrevistas nos periódicos locais. No entanto, mesmo que tivesse sido o vitorioso na luta contra o japonês, o fato de ser negro criava uma barreira para que ele fosse considerado “herói nacional”. Esse entendimento foi explicitado, por exemplo, na revista *Careta* (15.05.1909, 11), que na seção “Cartas de um matuto” publicou um poema que contava a história daquele combate entre Cyriaco e Sada Miyako. O poema racista revelava o “limite” do “patriotismo” considerado aceitável:

Comadre, aqui tem um typo
Um mulato dos Japão,
Que apresenta no teatro
E enche, vai um povão.
Elle chama pra briga,
Póde i quarqué valentão
Que elle chega, dá um geito,
E bota o home no chão.

Mas apareceu um preto,
 Um capoeira sabido,
 Que poz as mãos no soáio
 E dobrou-lhe os pé no ouvido.
 O japonez tonteou,
 Cahiu no parco, estendido,
 O povo ahi bateu parmas,
 Deu viva, fez alarido.

Atiraro tantos nike
 Que elle encheu as argibeira;
 D'ahi, sahiro pr'a rua
 Carregando o tá capoeira
 Diz qu'isso é patriotismo,
 Mas, se fô dessa maneira,
 Eu cá não sou patriota,
 Que pra mim isso é asneira.

Botá negro na cacunda,
 Baté parmas, appraudi,
 Não faço nem que me matem.
 Comadre; não sei menti.
 Eu nunca gostei de negro;
 Mas porém, depois que eu vi
 Monteiro Lopes na cambra,
 Tou co'os negros por aqui.

Se Cyriaco não servia como exemplo para formação da identidade nacional “patriota”, por ser negro, o mesmo valeria para “o mulato dos Japão”. Os discursos racialistas derivados da aplicação do darwinismo em concepções deterministas sociais, geográficas e raciais foram amplamente reverberadas no Brasil. A hierarquização das raças reforçava um discurso eugênico que via perigo de degeneração nas misturas de raças. Na concepção de Gobineau, um dos autores que mais influenciaram o pensamento racialista no Brasil, a raça amarela seria fraca, um “esboço” de raça (Dezem 2005, 210). O poema, dessa forma, explicita esse duplo racismo, contra os japoneses e os negros⁷. De certa forma, também antecipa as dificuldades que os imigrantes japoneses, recém-chegados, enfrentariam ao longo dos próximos anos no processo de adaptação à cultura brasileira⁸.

⁷ O autor do poema, que se recusava a “baté parma, appraudi” um negro e que “nunca gostou de negro”, teria ficado ainda mais saturado quando viu Monteiro Lopes na Câmara, o primeiro Deputado Federal negro. Sobre a trajetória de Monteiro Lopes, ver: Domingues (2013).

⁸ Um estudo recente destaca que esse processo de inversão de sentido da capoeira na busca de torná-la uma luta nacional também ocorreu em São Paulo, com a realização de confrontos entre capoeiristas contra outras artes maciais, entre elas o Jiu-Jitsu. Nesses confrontos, a luta entre Cyriaco e Sada Miyako era sempre lembrada e citada. Ver: Amado (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi revisitar um episódio já conhecido na historiografia sobre o Jiu-Jitsu, nomeadamente a chegada de Sada Miyako e a introdução do Jiu-Jitsu no Brasil. Nossas lentes, no entanto, trataram o episódio a partir da abordagem da história global integrada. O desafio proposto pelo historiador alemão Sebastian Conrad é identificar fenômenos globais sincrônicos que estejam condicionados por estruturas sociais, culturais e econômicas. Acreditamos que o estudo da história global integrada do Jiu-Jitsu (em geral) e do episódio da chegada dos primeiros instrutores japoneses ao Brasil a bordo do *Benjamin Constant* (em particular), são estratégias interessantes para variar os jogos de escalas e extrair novas considerações sobre um episódio já conhecido (Revel 1998, 24-25; Revel 2010, 443; Conrad 2019, 168).

Ao realizar tal empreitada pudemos acompanhar os processos de migrações e circulação global de japoneses que marcaram a virada do século XIX ao XX. Esses movimentos despertaram uma série de contestações em níveis locais, geralmente como respostas das masculinidades e padrões de virilidade agravados pelas técnicas dessa arte marcial estrangeira. O Jiu-Jitsu foi, nesse sentido, representado com sarcasmo, desdém, chiste e ironia, sendo sempre questionado na sua premissa principal: ser uma técnica que possibilitaria o mais fraco vencer o mais forte. Essas representações caricatas desvelam todo o preconceito de diversas sociedades em um período em que as identidades nacionais ainda estavam em definições.

O caso da chegada de Sada Miyako e M. Kakihara ao Brasil, a bordo do *Benjamin Constant*, torna-se, portanto, um exemplo dessas resistências locais. As representações humorísticas do período, tanto no Brasil quanto no exterior, demonstram as dificuldades que os brasileiros, e outros países também, tiveram em receber a novidade estrangeira, em especial depois que a capoeira, com Cyriaco, conseguiu aplicar uma derrota ao instrutor japonês.

Esperamos que a análise desse episódio particular, a partir das lentes da história global integrada, tenha sido capaz de trazer uma compreensão nova para um episódio já conhecido.

REFERÊNCIAS

- Amado, Felipe. 2021. *Abre a Roda Minha Gente que o Batuque é Diferente: Tiririca, Capoeira e Samba em São Paulo, 1900-1970*. Dissertação Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Anderson, Benedict R. 2008. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Assunção, Matthias Röhrig. 2014. “Ringue ou academia? A emergência dos estilos modernos da capoeira e seu contexto global”. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, 21 (1): 1-15.
- Cairus, José. 2012. “*The Gracie Clan and the Making of Brazilian Jiu-Jitsu: National Identity, Culture and Performance, 1905-2003*”. PhD Dissertation, York University.

- Cancella, Karina. 2014. *O esporte e as Forças Armadas na Primeira República: das atividades gymnásticas às participações em eventos esportivos internacionais (1890-1922)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército.
- Chesneaux, Jean. 1976. *A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Pioneira.
- Conrad, Sebastian. 2019. *O que é a história global?* Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70.
- 2021. “Globalizing the Beautiful Body Eugen Sandow, Bodybuilding, and the Ideal of Muscular Manliness at the Turn of the Twentieth Century”. *Journal of World History*, 32 (1): 95-125.
- Darnton, Robert. 1988. *O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*, 2ª ed. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal.
- Davies, Christie. 2001. “Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos”. Em *Imprensa, Humor e caricatura: A questão dos estereótipos culturais*. Edited by Isabel Lustosa, 93-124. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dezem, Rogério. 2005. *Matizes do “amarelo”: a gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.
- Domingues, Petrônio. 2013. “‘Vai ficar tudo preto’: Monteiro Lopes e a cor da política”. *Novos Estudos* (CEBRAP), vol. (95): 55-81.
- Drysdale, Robert. 2020. *Abrindo Closed Guard: as origens do Jiu-Jitsu no Brasil* (a história por trás do filme). Sem local: Publicado independentemente por Message in a Bottle, LLC.
- Gracie, Reila. 2008. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Record.
- Hancock, H. Irving. 1904a. *Japanese physical training*. New York: Putnam.
- 1904b. *Jiu-jitsu combat tricks*. New York: G. P. Putnam’s Sons.
- 1904d. *Physical training for children by Japanese methods*. New York: G. P. Putnam’s Sons.
- 1904c. *Physical training for women by Japanese methods*. New York: G. P. Putnam’s Sons.
- 1905. *Educação Física Japonesa*. Tradução Capitão Tentente Santos Porto e 1º Tenente Radler de Aquino. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil.
- Henshall, Kenneth. 2005. *História do Japão*. Lisboa: Edições 70.
- Lesser, Jeffrey. 2015. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp.
- Mandell, Richard D. 1984. “Sport in pre-industrial high culture”. Em *Sport; a cultural history*, editado por Richard D. Mandell, 88-105. New York: Columbia University Press.
- Nishida, Mieko. 2018. *Diaspora and identity: Japanese Brazilians in Brazil and Japan*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Ré-Nié. 1905. *Les Secrets du Jiu-Jitsu*. Paris: Librairie Paul Paclot.
- Reis, Leticia Vitor de Sousa. 1993. “A capoeira: de ‘doença moral’ à ‘gymnástica nacional’”. *Revista de História*, São Paulo, (129-131): 221-235.
- Revel, Jacques. 2010. “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”. *Revista Brasileira de Educação*, 15 (45): 434-444.
- Revel, Jacques. 1998. “Microanálise e construção do social”. Em *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*, editado por Jacques Revel. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Rouse, Wendy. 2015. “Jiu-Jitsuing Uncle Sam: The Unmanly Art of Jiu-Jitsu and the Yellow Peril Threat in the Progressive Era United States”. *Pacific Historical Review*, 84 (4): 448-477.
- Sakurai, Célia. 2014. *Os Japoneses*, 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto.
- Shun, Inoue. 1998. “The invention of the Martial Arts: Kano Jigoro and Kodokan Judo”. Em *Mirror of Modernity: Invented Traditions of Modern Japan*, editado por Stephen Vlastos, 163-173. Los Angeles: University of California Press.

- Silva, Elton e Eduardo Corrêa, eds. 2020 *Muito antes do MMA: o legado dos precursores do Vale Tudo no Brasil e no mundo*, vol. 2: Choque e sincretismo marcial entre Ocidente e Oriente. eBook Kindle: Print Replica: Edição dos Autores.
- Svinth, Joseph R. 2003. "Professor Yamashida goes to Washington". Em *Martial Arts in the Modern World*, editado por Joseph R Svinth, 47-59. Westport: Praeger Publishers.
- Takeuchi, Marcia Yumi. 2016. *Imigração Japonesa nas Revistas Ilustradas: Preconceito e Imaginário Social (1897-1945)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.
- Uyenishi, Raku. 1905. *The Textbook of Ju-Jutsu as Practised in Japan*. London: Health and Strength.

Recebido: 26.01.2022

Versão reformulada: 13.05.2022

Aprovado: 30.05.2022